

Os latinos manterão pressão

GAZETA
por Norton Godoy
de Brasília

Os presidentes de Argentina, Brasil, Colômbia e México assinarão uma nova carta conjunta a ser endereçada nominalmente aos chefes de Estado das sete potências que se reunirão em Londres no próximo dia 7 de junho. O teor desta nova carta será o mesmo da que foi emitida no último dia 19 e terá o objetivo de formalizar a preocupação dos governantes latino-americanos junto aos políticos dos países credores.

Esta nova investida diplomática, que, a rigor, se traduzirá num gesto político de um chefe de Estado-devedor a um chefe de Estado-credor, reforçará, sem dúvida, a discussão do tema dívida externa latino-americana no "summit" de Londres. É possível até que os sete grandes dediquem algumas poucas linhas da declaração final do "summit" numa referência ao recebimento da correspondência dos chefes latino-americanos, bem como sua solidariedade com

a preocupação manifestada por seus devedores.

A elaboração desta nova carta está sendo tratada via chancelarias dos quatro países, mas somente será fechada no princípio da próxima semana, após o retorno ao Brasil do presidente Figueiredo e comitiva, que desembarcarão em Brasília ao meio-dia de sexta-feira. Somente na próxima semana também é que o chanceler Saraiva Guerreiro e o ministro da Fazenda, Ernâne Galveas, se reunirão com seus respectivos "staffs" para discutir o que o Brasil poderá levar à reunião dos devedores latino-americanos, que será realizada nos dias 14 e 15 de junho, provavelmente em Bogotá. A capital colombiana voltou a ser a opção mais viável como sede do encontro, após o acordo que o governo daquele país fez com a guerrilha interna.

EXPECTATIVA

Não obstante o fato de que ainda muito será conversado, sobre essa reunião de devedores, já há consenso de que seu resul-

tado não ultrapassará a figura da declaração conjunta. Isto porque não há como apresentar propostas concretas de renegociação de dívidas bastante distintas como as do Brasil e da Argentina. Haverá, sim, menção explícita à necessidade de melhores condições para o tratamento da dívida, como prazos de carência maiores, taxas de juros menores e, principalmente, fatores de previsibilidade nos acertos com os credores.

O resultado mais palpável, no entanto, já foi obtido mesmo antes da reunião de Bogotá: a repercussão da ação conjunta nos governos, mercados e opinião pública dos países credores. O âmbito de discussão do problema se alargou, particularmente nos Estados Unidos. E isso poderá representar muito; caso alguma coisa possa ser feita pelos governos credores, juntamente com seu mercado financeiro, para atenuar a carga dos países devedores, mesmo que isso signifique alguma espécie de sacrifício de suas sociedades.

31 MAI 1984